

## **Narrativas Locais em Fontes Orais: o lugar da memória no imaginário da paisagem da Ilha de Cotijuba (PA)**

Carla Melo de Vasconcelos<sup>1</sup>

Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos<sup>2</sup>

Flávio Leonel Abreu da Silveira<sup>3</sup>

**Resumo:** As narrativas orais, enquanto acontecimentos e materialidade são tecidas no cotidiano local das paisagens insulares do estado do Pará. Assim, busca-se traçar uma atitude mais reflexiva dos encontros entre o imaginário poético, que as narrativas evocam, e as memórias dos narradores da ilha de Cotijuba, por meio das representações produzidas durante o trabalho de campo. Na Ilha de Cotijuba as narrativas, de maneira geral, tem se prestado muito fortemente ao longo do tempo a uma vasta série de construções simbólicas que, até certo ponto, ultrapassam as narrativas sobre o lugar e, se misturam e evoluem-se nos seus fluxos de água doce. Narrativas que se desencadeiam, se resignificam e se conectam em diversos aspectos do cotidiano da ilha. Uma marca que a ilha traz do seu passado histórico, é a memória da penitenciária, construída em 1968. Assim, a ilha foi durante algum tempo uma ilha-presídio, recolhendo condenados e presos políticos, adultos e menores, com um sistema penal violento e arbitrário. Esse fato povoou o imaginário da sociedade paraense, mantendo-a a distância da ilha. Porém, hoje as ruínas do antigo presídio se tornaram patrimônio da ilha. Em 1990, a Ilha de Cotijuba foi transformada em Área de Proteção Ambiental, pela Lei Municipal. Desse modo, a construção de uma história local deve prever uma contextualização particular e global, lançando mão de diferentes fontes para construção dessa realidade, que são as narrativas contadas pelos ilhéus sobre a ilha de Cotijuba.

**Palavras-chaves:** Ilha de Cotijuba. Memória. Narrativas Locais.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. UFPA. [carlamelovasconcelos@gmail.com](mailto:carlamelovasconcelos@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia. UEPA. [renildabastos@hotmail.com](mailto:renildabastos@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Antropologia. UFPA. [flabreu@ufpa.br](mailto:flabreu@ufpa.br)

## **A travessia da memória: um rio de histórias**

Desde quando se é criança, residindo nas proximidades da ilha de Cotijuba, as histórias sobre Cotijuba aguçam a imaginação. Muitas infâncias foram povoadas de muitas histórias trazidas de lá. É só fechar os olhos para conseguir rememorar muitas vozes.

Para a primeira autora, o avô dos seus primos, que morava em Cotijuba, quando ia visitá-los trazia muitas histórias de lá. Histórias de lobisomem, matinta-pereira, de rapazes corajosos e moças espertas; de assombração, cachorro do mato. Ela cansava de procurar as histórias nos livros da escola e de casa, e não achava nunca! Ela rememora até a sua própria voz recontando as histórias que ouvira sobre a ilha.

Começamos a nos envolver, totalmente, nesse universo da contação de histórias. Frequentamos, por conta de muitas pesquisas, vários espaços onde se contava histórias. O que mais nos encantava nas apresentações eram as performances que cada contador de histórias possuía como sendo a identidade de cada um. Gostávamos mais quando o contador de histórias nos fazia viajar pela história, nos fazia devanear.

Desde o início estava muito claro que estávamos tecendo um compromisso com a poética e a voz. E como observadora desse tema, a segunda autora, começou a estudar aquele contador de histórias, semelhante ao avô dos primos da primeira autora, aquele que narra às histórias que fazem parte das suas vivências, pois ouviu as histórias e aprendeu a contá-las. Seria o contador tradicional. Genuíno, simples, o primeiro.

Assim, percebemos que nos tempos atuais não é tão comum encontrar narradores de histórias tradicionais. Pesquisando, por meio do Narrador de Walter Benjamim, que em muitas partes do mundo, sobretudo a partir do século XX, eles estavam desaparecendo. O ato de narrar oralmente foi se tornando raro na contemporaneidade em decorrência dos processos acelerados do modo de vida cultural, social, político e econômico.

Entretanto, é possível encontrar narradores tradicionais contando histórias em suas comunidades, para família, amigos, vizinhos, num cenário que ele faz parte. Nesse mergulho, procuramos compartilhar nossos olhares sobre as

narrativas acerca da ilha de Cotijuba, nos tantos eventos poético-performáticos com os quais temos tido entrada em contato nos últimos meses como pesquisadoras do imaginário simbólico das narrativas dos moradores de Cotijuba.

### **1. A Performance do contar: narradores e suas narrativas**

A área insular da cidade de Belém do Pará é formada por 43 Ilhas totalizando uma área territorial que está distribuída da seguinte maneira físico-espacial: Ilhas do Norte: área formada por 15 ilhas; Ilhas do Centro Leste: área formada por 3 ilhas; Ilhas do Extremo Oeste: área que apresenta 17 ilhas, Cotijuba está localizada nesta porção da Belém insular. Ilhas do Sul: área constituída por 8 ilhas.

Para os órgãos oficiais, Cotijuba é uma Ilha localizada geograficamente, entre a Ilhas do Marajó e as Ilhas de Jutuba e Paquetá, a margem direita do estuário do rio Pará, entre as baías do Marajó e do Guajará, apresentando uma forma alongada em direção ao Nordeste Sudeste (CODEM/SEGEP/SEURB - Diagnóstico do Plano Diretor de Cotijuba, 1997, p. 07).

Na Ilha de Cotijuba variadas representações estão presentes em meio aos seus moradores, sejam representações culturais, simbólicas, que se dão no dia-a-dia das ruas de terra, nas feiras, nas esquinas, nos igarapés ou nas praias da Ilha. Logo, entendemos que são essas representações variadas estão tecidas nas relações com as narrativas sobre esse lugar. Como uma rede tecida por muitas mãos e um fio. O fio da memória, as mãos que acompanham a voz do narrador e a rede de significados que estão inseridos no cotidiano da ilha.

Na terceira visita à ilha de Cotijuba conhecemos Dona Zilda, uma contadora de histórias indicada por um amigo que disse que essa senhora era moradora antiga da ilha e que sabia muitas histórias sobre seu lugar. Dona Zilda disse ter 72 anos. Com cabelos brancos e pele morena, ela logo nos pareceu muito agradável de conversar. Sentimos que tínhamos começado bem a pesquisa. Sentimo-nos acolhida por ela. Explicamos como a conversar com ela ia se dá. Pedimos para gravar nossa conversa. Ela concordou sem incitar.

Começamos perguntando sobre a história de vida dela e se ela havia nascido ou foi ir morar em Cotijuba. Ela contou que a mãe estava grávida quando ela veio para Cotijuba, que a mãe é de Jutuba (é uma Ilha que pertence a Belém, fica à 1 hora de Barco). Assim ela descreve:

Aqui eu moro desde pequena. Ah! Minha filha eu gosto muito daqui, aqui me criei e criei meus filhos (...) esse Riozão tem muita história pra contar do meu tempo de menina. Cheguei aqui na barriga da minha falecida mãe, junto com mais três irmãos e depois que eu nasci ela teve mais dois. Minha mãe é da ilha de Jutuba e veio pra cá porque veio fugida do padrasto, que “mexeu com ela” (...) ele é meu pai. A gente nunca teve muito recurso e minha mãe fazia tapioca e quebra queixo pra sustentar nós. Eu lembro que era muito danada, minha mãe corria com cipó pra me dá-lhe e eu pulava na água e nadava, nadava até ela desistir de ficar em pé me esperando, mas depois que eu botava o pé em casa o meu “couro queimava” (risos).

Ela também nos contou uma história sobre um bicho peludo que ficava em cima do ingazeiro. Ela disse que suas duas filhas viram o bicho. E que esse ingazeiro é no fundo do seu quintal. Ela apontou o dedo nos mostrando pra onde fica o ingazeiro.

A pesquisa por esse espaço insular fez-nos transitar por sentimentos opostos, por vezes ambíguos. Isso porque Cotijuba com sua exuberância paisagística natural atraí muitos visitantes a procura do exótico amazônico. Na opinião de Dona Zilda:

Essa ilha é muito bonita. Foi aqui que nasci, cresci e aqui que vou morrer um dia. Aqui a gente tem praia, igarapé, fruta, mato, terra. O que mais eu ia querer? (risos). Claro que a gente às vezes tem dificuldades. Mas o que minha mãe me ensinou foi trabalhar pra conseguir o que eu quero. E assim fiz e ensinei pros meus filhos, e ensino pros meus netos. Minha filha, só o que a gente leva dessa vida são as lembranças.

É importante acentuar que sobre a ilha de Cotijuba há várias perspectivas acerca do espaço insular do olhar do outro, do de fora. Enquanto que os ilhéus são personagens e narradores das histórias que eles contam para si e para outros. Percebemos que Dona Zilda é uma narradora que trás histórias de suas vivências e dos acontecimentos que fazem parte do seu cotidiano. Um fio da memória emaranhado em outros fios que tecem a memória de Dona Zilda.

Nessa travessia, o Brasil ainda é um país de prevalência vocal, e, mesmo nas grandes metrópoles, onde se presume a inexistência de narrativas tradicionais, elas continuam a fluir com o mesmo caráter de mistério. Nas comunidades narrativas tradicionais da Amazônia, conta-se nos cantos, nas portas, nas calçadas, nos bancos, e, quanto mais se adentra a mata ou se abeira o rio, mais o repertório enriquece e se avoluma.

Como observa Fares (2005), os narradores orais são pessoas mais experientes, em geral, mais velhas, mas mesmos os jovens, que, muitas vezes, negam esse tipo de conhecimento, por pleitearem experiências “modernas”, trazidas pelos meios de comunicação de massa, esses narradores não se afastam desta rede de signos que representa a tradição.

### **1.1 Conversa ao pé do ouvido numa noite de luar**

Demoramos dessa vez mais tempo para retornar a Cotijuba, pois a primeira autora estava tendo aula das disciplinas do Mestrado. Exatamente mais um pouco de um mês foi o tempo que demoramos a retornar. Dessa vez iríamos ficar um fim de semana por lá. O destino era a praia do Vai quem quer.

No mesmo dia que chegamos a ilha conhecemos Seu Zé, que era tio da dona da pousada onde estávamos hospedadas. Chegamos à casa de Seu Zé. Ele é aposentado, e antes de se aposentar trabalhava como pedreiro. Tem 71 anos. Explicamos os objetivos da nossa pesquisa. Ele disse logo: “eu sou um contador de histórias então”. Sorrimos. Disse que nas noites que são quentes, ele gosta de se sentar na porta da sua casa e contar histórias.

Seu Zé diz de que gosta muito de contar histórias de assombração e os seus ouvintes também gostam de ouvir mais esse tipo de narrativa. Ele disse que algumas pessoas que ouvem suas histórias dizem não acreditar, mas sempre estão pedindo pra ele contar. Seu Zé diz que suas histórias fazem parte de um passado, de quando as pessoas viam assombrações.

Em outro momento, já à noite, noite voltamos à casa de Seu Zé. Chegamos mais cedo e ficamos na varanda da casa dele esperando o pessoal chegar aos poucos trazendo seus bancos ou cadeiras para apreciar a noite e

ouvir algumas histórias. Seu Zé apareceu na porta com um sorriso de satisfação, pois ele mandou avisar que naquela noite ele iria contar histórias e o pessoal apareceu. Ele trazia sua cadeira. Sentou e começou a conversar com algumas pessoas.

Procuramos realizar uma interação com as pessoas partindo de seu próprio universo simbólico, então introduzimos os primeiros movimentos de nosso troca-troca, pensando na identificação que poderia surgir. Então, a primeira narradora contou uma história que ouvira quando criança onde ela morava. Outras pessoas também contaram algumas histórias. Alguns nos chamaram bastante atenção pela história. Outros pela performance de contar. Foi uma roda de histórias bem agradável com muitos adolescentes, algumas crianças e pessoas mais velhas da comunidade do Vai quem quer.

Seu Zé é um grande conhecedor das histórias acerca da ilha, e principalmente da região do Vai quem quer, ouve e conta de tudo, um grande contador de histórias. Mobilizou algumas pessoas da comunidade do Vai quem quer para que pudéssemos ouvir histórias, e também para mostrar como é tecida essa comunidade narrativa, da relação dos moradores do Vai quem quer dentro da ilha de Cotijuba.

Segundo Jacques Le Goff (1996), a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

Desse modo, o narrador de histórias nem sempre guarda, na memória, tudo o que lhe penetra pelos sentidos; na verdade, tudo é captado parcialmente, alguns retalhos ficam, outros se perdem no grande emaranhado que compõe a colcha cultural, na qual estamos envolvidos.

## **2. Comunidade Narrativa: O lugar da memória**

Os narradores da pesquisa guardam memórias que nos permitiram navegar por paisagens fantásticas, onde figuram imagens de uma poética encantada, e, assim, compreender aspectos do universo mitopoético que as narrativas

mergulham. Cinco visitas foram feitas, de abril de 2015 a fevereiro de 2016, quando conhecemos, respectivamente, os narradores da pesquisa.

Fazer as travessias até a ilha de Cotijuba é molhar os pés por seus cursos d'água, revolvendo as areias dos rastros deixados pelas memórias dos ilhéus narradores de histórias, por meio das suas narrativas esse foi o nó onde nosso embarque se deu. Durante essa pesquisa foi possível escutar diversas vezes que: “essa ilha é muito bonita, mas aqui houve muito sofrimento”. No marulhar dessa onda, despertou-nos um interesse ainda maior pelas histórias acerca do presídio que existiu na ilha.

Nesse universo de água, areia, terra e mato se figuram as narrativas sobre a ilha. E entre os narradores da pesquisa Dona Zilda guarda narrativas tecidas no seu cotidiano. Percebemos no entorno dos seus olhos os caminhos d'água que umedecem o imaginário às paisagens da ilha. Esses caminhos da memória de Dona Zilda estão também na memória de Seu Zé como se fossem o mesmo fio tecendo uma rede, unindo uma só narrativa, numa continuação umas das outras.

Instrumento fundamental do laço social, a memória (individual e coletiva) tornou-se, ao longo do tempo, um dos objetos centrais de análise dos historiadores do tempo presente. A memória individual e a memória coletiva são importantes fontes das poéticas orais.

Convém lembrar que nos estudos de Maurice Halbwachs (2003), a memória não é só um fenômeno de interiorização individual, ela é, também e, sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo. Sendo uma construção social, a memória é, em parte, modelada pelos grupos sociais.

Como observa Ricoeur (2007), nós pertencemos a grupos sociais portadores de uma memória, memória essa que preside as relações intersubjetivas e que é derivada das mesmas.

Nos estudos de Jerusa Pires Ferreira (1995) a ação da memória se processa de acordo com sistemas internos de cada narrador. Nela ficará registrado somente aquilo que tiver algum significado para ele, algo que lhe desperte a curiosidade, que tenha íntima relação com sua história de vida, que lhe cause indignação ou esteja reforçando suas concepções.

É através de uma narrativa, de uma narração da memória que se processa, anteriormente, o ato da escuta. Assim, antes de nos apropriarmos de nossa capacidade narrativa (contarmos histórias), nós ouvimos histórias.

### **2.1 As ruínas e a turbulência do tempo**

Uma marca que a ilha traz do seu passado histórico, é a memória da penitenciária, construída em 1968, e, por algum tempo, educandário e presídio coexistiram. Porém, logo o educandário foi extinto e a ilha se transformou em ilha-presídio, recolhendo condenados e presos políticos, adultos e menores, com um sistema penal violento e arbitrário.

Esse fato povoou o imaginário da sociedade paraense, mantendo-a a distância da ilha. Segundo Seu Zé, em 2005, faleceu o último "preso" da ilha e, com ele, foi enterrado todo o sofrimento que já existiu por ali. Porém, segundo algumas narrativas sobre as ruínas do presídio: os fantasmas dos antigos presos ainda "perturbam" quem 'mexe com eles. Quem não acredita acaba sofrendo alguma punição.

A história da ilha mudou quando a Constituição Brasileira de 1988 transferiu Cotijuba ao domínio municipal da capital paraense. Já em 1990, a Ilha de Cotijuba foi transformada em Área de Proteção Ambiental, pela Lei Municipal. Logo, o presídio foi desativado e a sua construção foi mantida naquele espaço insular.

Segundo Santana (2002, p. 29), os primeiros moradores da Ilha foram os índios Tupinambás, que batizaram a Ilha com o nome Cotijuba, o qual vem do Tupi-guarani e significa caminho dourado, em alusão aos reflexos da lua nos caminhos arenosos do interior da Ilha.

A população depois passou a ser formada por pescadores, agricultores tradicionais e ex-funcionários do educandário. Depois alguns japoneses chegaram a Ilha depois da segunda guerra mundial para trabalhar com agricultura, ex-detentos que formaram famílias e se tornaram pescadores de camarão e de peixe.

A primeira visão quando se chega à Cotijuba é uma pequena e ao fundo da praça é possível, logo, avistar o presídio desativado e em ruínas. É comum ouvirmos muitas histórias sobre esse ex presídio, dizem que ele é mal assombrado. E é impressionante como ele está sendo "engolido" pela vegetação local da ilha.



Certa vez quando estávamos em Cotijuba ficamos no trapiche da ilha, não fomos além, e lá mesmo encostadas próximo à ponte uma senhora, Dona Dorinha, veio até nós, e começou a contar uma história sobre o presídio que lá existiu:

Esse presídio é mal assombrado, até hoje a gente escuta os presos que viveram aí gritando e pedindo socorro. É verdade! Quer vê? Passa depois das seis horas da tarde por aí que você vai vê, e vai sentir muita coisa. Só de você tocar nessas paredes caindo, a gente já se arrepiava tudo. Aí teve muito sofrimento, e o espírito dos presos ainda estão preso aí.

Nota-se como a memória é tecida na narrativa das pessoas que moram na ilha. Isto se torna relevante pelo fato de que o homem que narra guarda na memória fatos e acontecimentos da sua comunidade para poder repassá-los a gerações posteriores.

## **2.2. Ilha-Presídio e seus fantasmas**

Conversando com Dona Zilda perguntamos então sobre a ruína daquele presídio que é tão notório quando se chega a Cotijuba. Ela diz que não gosta daquele espaço porque acolá houve muito sofrimento. Ela diz que o presídio é mal assombrado, que as suas memórias sobre o presídio foram tecidas no sentimento de medo e no sentimento de pena. Medo pela obscuridade histórica que aquela construção representou. Pena pelo sofrimento dos condenados que por ali viveram. Sobre o presídio ela diz que:

Muita gente daqui sabe história desse presídio. Eu nunca gostei dele. Tem uma carga pesada, que dá medo. Mas ele sempre fez parte daqui. Quando eu era pequena eu tinha medo dos presos daí, porque eram homens maus que vinham pra cá ser castigado. Minha mãe sempre dizia pra ficar longe de lá, eu não passava nem perto. Depois quando fui crescendo eu comecei a ficar com pena daqueles preso. Eu não entendia muito. Esse presídio é mal assombrado, até hoje a gente escuta os preso, que viviam aí, gritando e pedindo socorro. É verdade! Quer vê? Passa depois das seis horas da tarde por aí que você vai vê, e vai sentir muita coisa. Só de você tocar nessas

paredes caindo, a gente já se arrepiava tudo. Aí teve muito sofrimento, e o espírito dos presos ainda estão preso aí.

Hoje, Dona Zilda sente esses dois tipos de sentimentos misturados toda vez que passa pela frente da ruína. Ela conta que se arrepiava quando passa diante da ruína, porque naquela materialidade ruída ainda se pode sentir todo sofrimento que existiu ali. Isso parece lhe incomodar. Ela diz que as pessoas que moram em Cotijuba têm muitas histórias sobre almas que habitam a ruína. Porém, ela afirma que nunca viu nada, apenas sente uma energia pesada quando passa por ali.

Ela reforça que a ilha de Cotijuba foi marcada por esse acontecimento histórico. Ela diz saber pouco sobre o cotidiano dos presos naquela época que o presídio existia. Parece que há certo silenciamento, uma desmemória acerca do passado da ilha representada no presídio que ali foi erguido. Percebemos um olhar longe de dona Zilda, algo lembrado apenas para ela, que não precisava ser compartilhado conosco.

Portanto, na conversa com Seu Zé sobre o presídio que funcionou ali ele disse que teve um amigo que foi ex-presidiário de lá. Ele se lembra do governador do Pará Magalhães Barata, o qual governou com muita repressão. Ele comenta, timidamente, sobre as torturas que aconteceram no presídio. Ele afirma que tiveram presos que conseguiram fugir da ilha:

Conheci uma pessoa que foi preso lá. Isso foi na época do Barata. Com ele não tinha história, mandava pra cá mesmo. Aqui o caboco ficava pianinho, acabava a brabeza de qualquer um. Sempre tinha uns que tentava fugir. Teve alguns que fugiram sim. Esse meu conhecido veio pra cá preso por que se envolveu em crime. Ele não contava muito sobre isso. Ele contava que ficou sete anos preso. E que depois que acabou de cumprir a sentença ele teve vergonha de voltar pra Belém e resolveu ficar por aqui mesmo. Aqui não era um lugar ruim pra viver pra quem não era preso. Ele aprendeu a roçar, plantar. E aí foi vivendo a vida dele, né. Ele morreu faz quatro anos. Era sério e calado, quase não conversava muito, mas comigo ele falava. A casa dele era pra li, direto. Os filhos ainda moram lá. Agora só ficou as histórias desse presídio. Essas paredes caindo aos pedaços.

Seu Zé diz que as ruínas do presídio são algo que enfeiam a ilha. Também percebemos que Seu Zé não gosta da memória que as pessoas, as que não moram na ilha, têm do sofrimento que por ali existiu.

Esse clima de mistério acerca da ruína histórica da ilha sempre rendeu muitas narrativas. A primeira autora diz lembrar que quando foi com oito anos pela primeira vez a Cotijuba já escutava por lá algumas histórias sobre fantasmas que assombravam a ilha. Toda essa memória lhe é revolvida sempre quando vai à Cotijuba. Essas histórias que habitam a ilha são de um fluxo de mistério conivente da relação homem-ilha.

Na ilha de Cotijuba percebemos a paisagem inserida numa poética do imaginário. Pois, o homem usufrui e transfigura o imaginário, moldando-o conforme sua realidade. As relações em torno do imaginário revelam a complexidade da condição humana, tanto das condições fisiológicas quanto as condições materiais. Sob este ponto de vista, Loureiro (1995) afirma que:

“Essa transfiguração do real pela viscosidade ou impregnação do imaginário poético, acentua uma passagem entre o cotidiano e sua estetização na cultura, através da valorização das formas auto-expressivas da aparência, nas quais o interesse de quem observa está concentrado. (...). Nessas condições, no âmbito de uma sociedade como a Amazônia, ainda sem as grandes pressões da sociedade de consumo e do utilitarismo funcional das sociedades contemporâneas, o homem encontra um lugar e um espaço tomados de uma forma peculiar que proporcionam o devaneio poetizante.” (p. 59).

O imaginário do amazônida na sua cotidianidade, a partir da contribuição da paisagem de rio e floresta da ilha de Cotijuba está entrelaçado às narrativas orais, portanto o percebo como processos de insistência à poética da voz.

Recuperando o aconchego dos encontros, na expressividade da palavra espontânea. As narrativas orais acerca da ilha de Cotijuba têm sido contadas nos mais variados estilos, em todos os lugares onde há pessoas dispostas a ouvir histórias, e quanto mais se abeira o rio e se adentra a mata, mais o imaginário se laça à narratividade.

### **Uma Travessia que ainda não se concluiu**

Cada embarque ao campo de pesquisa foi um encontro entremeado de risos, olhares, atenções e, principalmente, de silêncio. Olhares atentos a cada paisagem, a cada forma poética, de perceber a tessitura da memória

entrelaçada ao cotidiano da ilha. Foi significativo ouvir as narrativas sobre Cotijuba, de conhecer alguns moradores e visitantes da ilha, e também compartilhar nossas histórias com eles foi muito satisfatório.

As narrativas orais sobre os rios da ilha são infinitos aos nossos olhos curiosos e inquietos de aprendiz, assim as histórias contadas no cotidiano das comunidades narrativas nas ilhas em torno da cidade de Belém são pouco conhecidas. Parece-me que as memórias, através das narrativas orais, representam um esforço para manter nutrida a identidade dessas comunidades insulares.

Apesar da viagem não concluída, aportei numa certeza: por tudo que vi, ouvi e senti por meio das narrativas contadas sobre Cotijuba, o narrador não morrerá tão cedo, assim como suas histórias, pois existirá sempre alguém as ouvindo que, como nos diz Bachelard (1997), exerce o poder de devanear para o encontro com o mundo dos sonhos, e um passaporte fiel para este universo, sabemos, são as narrativas (BACHELARD, 1997, p. 97).

### Referências:

- BACHELARD, Gaston. **A Água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BASTOS, R.R; FARES, J.A. Dois Singulares e um Plural: **Diálogos sobre Poéticas Orais**. In: O caráter interdisciplinar da pesquisa: múltiplos olhares. Org. Fátima V. C. Figueredo e Maria do Perpétuo Socorro C. da Silva. Belém: UEPA, 2003.
- BELÉM, Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. Companhia de Desenvolvimento Metropolitano. Secretaria de Urbanismo. Plano diretor da Ilha de Cotijuba, 1995. PMB.
- BENJAMIM, Walter. **O Narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: obras escolhidas. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FARES, Josebel Akel. **MEMÓRIA DE BELÉM EM HISTÓRIA DE VELHOS: aspectos metodológicos. Contadores e Repertórios orais**. UEPA. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.
- FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura é memória**. Revista USP. Nº 24. São Paulo: USP, 1994/1995.
- GEERTZ, Clifford. **O saber Local**: novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LIMA, Francisco Assis de S. **Conto Popular e Comunidade Narrativa**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

GUERRA, G. A. D; CARVALHO, V. R. V. de. **Ruralidade na Capital do Estado do Pará. Permanências e Mudanças na Ilha de Cotijuba.** In Conservação e desenvolvimento no estuário e litoral amazônicos, Aragon, Luis E. (org.). BELÉM. 2003. UFP/NAEA, p.210.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares.** Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: (10) dez. 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo.** 2.ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

RICOUER, Paul. **A Memória, a história e o esquecimento.** Trad. Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SIMMEL, G., **A natureza sociológica do conflito,** in Moraes Filho, Evaristo (org.), Simmel, São Paulo, Ática, 1983.

ZUMTHOR, P. **Introdução a Poesia Oral.** Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: EDUC, 1997.